

Jornal Nacional nas alturas

Rodrigo Barbosa*

Não, não. As palavras que se seguem não abordarão os já conhecidos altos índices de audiência do maior telejornal do Brasil, o Jornal Nacional, que continua líder absoluto em seu horário, apesar das variações percentuais e do aumento paulatino do índice do Jornal da Record, talvez o único que se mostre hoje capaz de ameaçar a liderança do JN daqui alguns anos. Mas isso é assunto para outra oportunidade.

A temática desta reflexão gira em torno da utilização do avião a jato do referido telejornal, ou melhor, do projeto JN no Ar, estreado em agosto do ano passado, às vésperas da eleição presidencial. Desse modo, rapidamente, vale recordar que o objetivo do, então, novo projeto do programa era “construir um retrato das riquezas e diferenças desse país, em cinco semanas, de segunda a sexta-feira”, visitando um município de cada Estado, além do Distrito Federal, como anunciava o repórter Ernesto Paglia, para ajudar o telespectador a escolher melhor quem *pilotaria* o Brasil depois da eleição presidencial.

Durante 27 dias, entre os meses de agosto e setembro, nos acostumamos com a vinheta do referido projeto e a presença do repórter, com entrada ao vivo em algum aeroporto brasileiro, nas edições do Jornal Nacional, anunciando o que veríamos na reportagem produzida ao longo do dia e esperando conhecer seu próximo destino, após sorteio realizado na bancada do estúdio pelos apresentadores William Bonner e Fátima Bernardes. Pois bem, o referido projeto, como previsto inicialmente, se encerrou no início de outubro, dias antes do primeiro turno das eleições presidenciais.

Já no fim do ano, no dia 31 de dezembro, após esse projeto especial ter sido considerado, por Fátima Bernardes, “um dos maiores destaques do Jornal Nacional na cobertura das eleições de 2010”, a apresentadora anunciou que o avião, isto é, o JN no Ar, seria utilizado nas edições do telejornal durante todo ano de 2011, permitindo a chegada mais rápida da equipe do JN onde a notícia estivesse. Foi prometido, então, que o avião seria utilizado “uma vez por semana, para cobertura do assunto de maior destaque”. E, mesmo não seguindo rigorosamente o período destacado, o quadro teve presença constante no telejornal durante os cinco primeiros meses do ano, cobrindo o clima seco no sul, o caos dos hospitais públicos das regiões norte/nordeste, os roubos a bancos em pequenas cidades do interior do país, os escândalos políticos no centro-oeste, as conseqüências das fortes chuvas no nordeste etc.

Ainda no fim de 2010, Fátima Bernardes destacou outro compromisso do Jornal Nacional com relação ao JN no Ar: a continuação dos sorteios de destinos durante o ano de 2011. Desse modo, de três em três meses, durante uma semana, o JN no Ar visitaria “uma cidade de cada região do Brasil para avaliar as condições dos serviços essenciais para a população”. Neste aspecto, tivemos que esperar não três, mas cinco meses para conhecer a Blitz JN no Ar, uma espécie de reportagem especial em cinco capítulos destacando temáticas relevantes no contexto social brasileiro.

Com as reportagens da semana passada, foi possível notar que o formato do projeto continua basicamente igual ao do seu início, com as reportagens mostrando os pontos positivos e negativos, agora, de uma cidade de cada região do país. Para iniciar, o assunto escolhido foi a educação escolar pública brasileira, mais precisamente, os primeiros anos do ensino fundamental, ou seja, o período de alfabetização dos *brasileirinhos*. A cada dia da semana, tendo iniciado em Novo Hamburgo/RS, passando por Vitória/ES, Caucaia/CE, Goiânia/GO e Belém/PA, a equipe do JN no Ar visitou duas escolas de cada uma destas cidades, aquelas que obtiveram, em 2009, o maior e o menor Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), que apresenta - em números - a avaliação da qualidade do processo de ensino e aprendizagem de cada escola brasileira.

Gostaria, para finalizar, de abordar dois aspectos que me chamaram atenção nesta primeira Blitz do JN no Ar. Ambos relacionados à credibilidade jornalística. O primeiro diz respeito à própria razão de ser do projeto, isto é, o avião do JN. Será que ele é imprescindível para a produção das matérias? Certamente, não. Mesmo realizando uma cobertura ampla, abarcando diferentes municípios nas cinco regiões brasileiras, a Rede Globo poderia fazer uso das suas afiliadas e produzir tais matérias, visitando as escolas com as equipes de produção residentes na região, que conhecem como ninguém aquela realidade social. Aliás, se as equipes locais podem produzir as reportagens de apresentação dos dados sobre a educação em cada região, por que não poderiam visitar *in loco* as escolas? Pareceu existir uma prevenção às possíveis maquiagens de um determinado local. O certo mesmo é que o uso do avião denota capacidade financeira, potencialidade tecnológica, dinamismo, mobilidade, agilidade, presencialidade, enfim, fatores determinantes na construção da credibilidade na área jornalística.

O segundo aspecto, talvez o grande diferencial desta etapa do referido projeto, até mesmo por limitar as atenções a um único aspecto da vida social, foi a presença de um especialista em educação, Gustavo Ioschpe, que acompanhou o repórter André Luiz Azevedo nas cinco cidades citadas. No fundo, ele foi a figura-chave no processo de construção das matérias. Sua presença, seguramente, esteve relacionada à credibilidade que a reportagem incorporou tendo a participação de um perito na área. Em alguns momentos, parecia mesmo ser ele o repórter responsável pela cobertura jornalística, entrevistando os atores educativos de cada escola, fazendo anotações em uma caderneta e, por fim, tecendo comentários sobre as impressões que teve de cada ambiente visitado. Aí veio a decepção: suas colocações, invariavelmente, fizeram uso de frases de efeito e trouxeram à tona idéias vagas, dilatadas e descontextualizadas sobre o processo pedagógico desenvolvido pela escola, esquivando-se de pontos fundamentais quando o assunto é a prática educativa em sala de aula com turmas de alfabetização. Reconheço, sim, sua capacidade quando o assunto gira em torno do financiamento da educação no Brasil, mas possuo sérias desconfianças de “profissionais” que tratam o ato de educar como uma fórmula pronta, exata, linear e uniforme, assemelhando-o às planilhas padronizadas que os economistas estão acostumados a lidar para registro de informações financeiras. O processo educativo, principalmente aquele que envolve

crianças, é complexo, dinâmico, atravessado de especificidades que devem ser problematizadas quando se objetiva analisá-lo rigorosamente. Fica esta lembrança. Quer saber mais? Pergunte a um professor da Educação Básica.

] **Rodrigo Barbosa*** é doutorando do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e professor da Fundação Universidade do Tocantins - UNITINS